

O Módulo 109 é um precursor do local onde almas condenadas e demônios habitarão pela eternidade. John notou que quase todo mundo lá tinha um apelido, mas, com mais frequência, os homens eram apenas chamados de “culiado” e “huevón”—nomes que todos pareciam aceitar de boa vontade. Os homens viviam como animais, e John percebeu lixo empilhado a um metro de altura na escada enquanto descia, ainda úmido pela água da chuva que escorrera durante a noite. Roubar era considerado louvável e a lei do pirata reinava, mesmo quando os machucados praticavam uma espécie estranha de respeito e cooperação, chamando-se “irmãos” enquanto mendigavam entre si e se drogavam com cocaína base, pílulas e maconha. Logo após o recolhimento, os barbantes do correio eram jogados ao corredor (com dinheiro pendurado em pacotes na ponta) e, em resposta, era possível ouvir pedidos de “biscoitos” e “creme dental” aos moços, que abasteciam e devolviam os pacotes. Os habitantes desse inferno terreno ostentavam muitos facões e facas pontiagudas feitas na prisão, e também eram ingratos pelo que John fazia por eles. Na verdade, mesmo após fazer algo bom pelos colegas, ainda se irritavam se a lei do pirata não fosse respeitada e seu jeito de agir não fosse privilegiado. John teve que enfrentar essa realidade com todos em sua cela, exceto Eugenio 1. Em nenhum momento de sua prisão até aquela data John temeu tanto por sua vida como em 16 de julho, exceto na semana ou duas seguintes à descoberta do volume um de *Bearing the Cross* (em espanhol), levando Carlos 1 (pedófilo), Aníbal 1 e (indiretamente) Chuncoco a ameaçá-lo. “Não há como reformar esses homens, tão orgulhosos de serem ladrões e piratas cooperativos, imaginando-se Robin Hoods que só atacam ricos e grandes companhias de seguro,” pensava John. Percebeu que seus colegas o viam apenas como mais uma vítima.

María chegou para a visita com os dois sacos de encomenda de John e o ajudou a dividir a comida nos recipientes plásticos—aqueles ainda não roubados pelos machucados da cela ou do corredor imundo. John estava tão fora de forma que carregar duas cadeiras plásticas, utensílios numa caixa de leite, uma toalha de mesa, lençóis e a maioria dos livros de estudo bíblico e de italiano a devolver para Pamela, fez com que ele parasse três vezes no trajeto de três quartos de quilômetro até o ginásio da visita. O quiosque estava fechado, assim John não pôde comprar bebidas ou chocolates como costumava fazer para María. Mesmo assim, Alejandro 3 (ex-policia) cumpriu a promessa de passar com três sucos de laranja, uma garrafa d’água e uma pequena prateleira que John havia deixado no 118. Assim, pelo menos John e María tinham algo para beber. Infelizmente, Alejandro 4 não conseguiu saber o destino do traslado de John; perguntou a José 2 (católico), mozo da estatística, mas ele não sabia. No retorno ao 109, companheiro de cela José 6 se mostrou um comunista e admirador de protestos, repreendendo John por pensar que era inocente, mesmo após ouvir os fatos sobre o que ocorreu em Reñaca, em 10 de novembro de 2019, e assistir ao vídeo do La Firme no YouTube. Tinha opinião para tudo e só queria ouvir a si mesmo e aos noticiários chilenos. Parecia receptivo à crítica de John às vacinas contra Covid-19, mas logo subiu num palanque sobre a violência armada nos Estados Unidos. Não importava que John tivesse vivido lá com porte legal de arma, ou que tivesse visitado 70 países; sua opinião não importava pois José 6 viu um programa na TV. Não queria ouvir John. Quando John comentou que o Chile era um país de muitos macacos fingindo serem homens, José 6 ridicularizou John diante dos outros. Dizer que o machucado era sábio aos próprios olhos seria pouco. Ele também admitiu ser canero, tendo cumprido dezenas de sentenças curtas por roubo e conhecedor da violência armada em resposta a disparos contra ele—a diferença de John, que “errado” atirou contra manifestantes armados de garrafas, paus e pedras. José 6 era preso com tanta frequência que não tinha direito a benefícios de liberdade antecipada. “Eu tenho outra cultura e opinião diferente da sua,” disse a John. O Gringo nada poderia concordar mais. Então Michael 5 emendou dizendo que John era ruim (fome) de conviver. Surpreendente, pois John acabara de compartilhar 70% de sua pizza Papa John’s com colegas da cela e outro machucado ao lado, além de carne, arroz e batata frita na noite anterior. O problema era que John organizara a comida para haver para o domingo e segunda, armazenando-a debaixo da cama junto com bebidas. Para os piratas, isso era ruim, e José 6 se preocupava que a comida estragasse. Michael 5 disse que se John estivesse noutra cela pagaria caro—ressaltando que o 109 não era o 118. Na prática, odiava John por ser organizado e planejar. Sua generosidade se dispersava se distribuída em dias, o que refletia o viver apenas o presente dos machucados. “Caneros provavelmente não investem em fundos mútuos ou seguro de vida,” pensou John.

O Gringo sentiu que poderiam lhe fazer mal, preocupando Pamela, Álvaro, Valentín, Criss, Cecília, David, Matthew, Iván, Bob e outros apoiadores, mas John confiava na Providência. Pediu aos colegas para não comerem sua preciosa lata de feijão mexicano nem usar seu molho barbecue ou o que desse na telha, pois planejava cozinhar e usar aqueles ingredientes para bons pratos. Os machucados ficaram impassíveis. Horas depois, exigiam que fizesse seus famosos sanduíches americanos, e o clima melhorou. No entanto, Michael 5 pediu que John ajudasse mais financeiramente nos vícios dos colegas, como cigarros, drogas e mate, e John recusou, dizendo que não apoiava vícios alheios, gerando discussão. John lembrou que nos

EUA também havia milhões de pessoas tolas, mas pensou que se houvesse tantos como no Chile, não haveria esperança além de guerra civil ou intervenção militar para eliminar muitos. Sua cosmovisão caótica e antipropriedade era escandalosa, ignorante e irredimível; jamais construiria uma sociedade civil. A ideologia, o estilo de vida e os valores deles eram, francamente, degraus para o inferno, miséria e morte. Por sorte, após comerem os sanduíches estelares de John, que elogiaram por dez minutos como melhores que de restaurante, ficaram alegres como moluscos. Eugenio 1 e Oso 1 (Rogelio 1) estavam juntos lendo *Bearing the Cross* (em espanhol) e Eugenio 1 lia em voz alta aos outros machucados, acalmando ainda mais possíveis tensões. Deus atendeu as orações. John estava seguro por ora.

Os machucados mantinham um monte de luzes de Natal piscando na janela toda a noite, talvez para esconder o brilho do celular. No regime fechado, John só saía da beliche curta e desconfortável para usar o banheiro, cozinhar ou tentar se lavar. Caso contrário, jazia como cadáver preocupado com vermes no Hades, assistindo com olhar opaco enquanto os macacos fumavam cocaína base e cigarros ao som de Michael Jackson e outros hits no rádio. Para entretenimento extra, Oso 1 (Rogelio 1) agarrava as pernas de Michael 5 simulando sexo, revelando desejos sexuais reprimidos. Também admitiram o traficante Francisco 3 (36) à cela em 17 de julho, fixando sua cama no alto e amontoando as bolsas de John no canto acima da bolsa preta. Francisco 3 estava sozinho e sem luz na cela vizinha e foi convidado a entrar. (Os piratas cooperativos sabiam da importância da socialização na prisão.) Agora, a cela estava mais cheia, e a comida de John acabaria mais rápido, incluindo o excelente burrito de abacate, alho e cebola que preparou a cada machucado. Ainda assim, não era o melhor ambiente para o culto Batista histórico de domingo à noite ou para John ensinar. Com barulho, fumaça e falação, quase ninguém ouvia. Pelo menos, os pentecostais já tinham passado, e John participou ouvindo a pregação arminiana do irmão Francisco e tentando cantar com eles. Conversou depois com o pastor Raúl, que inicialmente pensou que John buscava Cristo até saber de seu tempo de fé, e John contou do ministério no 118 e o discipulado de Leonardo 1. O pastor Raúl se despediu com oração, acreditando que Deus tinha um propósito especial ao mandá-lo à prisão, e olhou o *Bearing the Cross* (em espanhol), volume um, anotando o contato de John. Depois John começou a reler seu 64º livro, *Caminho da Servidão* (1944) de Friedrich Hayek. Só desejava poder se esticar na cama para ler ou dormir; aquele leito certamente o deixaria aleijado se tivesse que dormir mais alguns meses ali. Pelo menos, a prateleira acima do buraco feita por Oso 1 tinha o balde de banho de água quente de John, permitindo tomar banho e evitar contato com o buraco repugnante. Passou a roupa para Jorge 4, evangélico que ajudou a carregar o saco de encomendas. Depois do culto Batista, os machucados acalmaram-se conforme o efeito das drogas bateu. Fora outro dia exaustivo, e John recorreu a mais colírio do que o prescrito, e tentou orar e cantar em meio ao caos zoológico em que vivia.